

A TRADIÇÃO URU NO MÉDIO VALE DO RIO JAURU, MUNICÍPIO DE INDIAVAÍ, MATO GROSSO, BRASIL

Marlon Borges Pestana¹

Resumo

O presente texto tem por objetivo informar a quaisquer pessoas interessadas no estudo arqueológico do oeste do Estado do Mato Grosso, em específico dos municípios de Indiavaí, Jauru, Figueirópolis D'Oeste, Araputanga, São José dos Quatro Marcos, Mirassol e Cáceres. Nele encontrarão, além da descrição dos sítios arqueológicos, as interessantes descobertas e o que elas representam em termos históricos. Esta apresentação é apenas um simples plano elaborado para a execução da tese em si e, por isso, encontra-se em constante elaboração e mudança. Tendo como objetivo o de informar os colegas e professores sobre o desenvolvimento da pesquisa científica dentro do Programa de Pós Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS.

Palavras-chave: Arqueologia Pré-Colonial, Extremo Oeste, Rio Jauru, Tese de Doutorado.

Abstract

This text aims to inform any person interested in the archaeological study of the western state of Mato Grosso in particular the municipalities of Indiavaí, Jauru Figueirópolis D'Oeste, Araputanga, São José dos Quatro Marcos, Mirassol and Cáceres. Find him, beyond the description of archaeological sites, the interesting discoveries and what they represent in historical terms. This presentation is just a simple plan drawn up for the implementation of the thesis itself and therefore is in constant development and change. Aiming to inform colleagues and teachers on the development of scientific research within the Graduate Program in History at the University of Vale do Rio dos Sinos / UNISINOS.

Keywords: Archaeology, Jauru River, Uru Tradiction.

¹ Arqueólogo. Doutorando em História PPGH/UNISINOS. E-mail: marlonpestana@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Os capítulos se desenvolvem a partir da ideia central, concebida através de um plano de ação específico. Por isso são curtos. Elaboraram argumentos que sustentem a História do Povoamento Pré-Colonial no vale do rio Jauru. Interessa interpretar os dados analisados, inventariados e catalogados para definir a hipótese. A discussão desenvolve-se em torno dos remanescentes materiais de uma ou mais culturas. Convencionou-se entender como filiada a três grupos específicos, entre eles à tradição ceramista Uru. Dispersa em áreas do Estado do Mato Grosso e áreas adjacentes como a borda setentrional do Pantanal e margem oriental do Chaco boliviano.

As fontes principais de análise são os vestígios exumados do registro arqueológico. Seguido de um complexo estudo do sistema de sepultamentos. O tipo característico de assentamento e a sua descrição complementam os estudos. Os capítulos fazem alusão às principais perguntas sobre a ocupação de uma região com poucos dados científicos: o que, como, quem, quando, onde. Perguntas relativamente simples, mas que originam especulações e problemas complexos para a região estudada.

Os diversos subtítulos se arrolam de acordo com a necessidade de complementar as informações para a argumentação da hipótese central. As conclusões dão acesso a um conjunto de dados que, articulados entre si, contam a História do Povoamento Pré-Colonial do rio Jauru, no município de Indiavaí, MT. Área que sofre influência direta das paisagens e biomas de entorno (chaco, cerrado, Amazônia), existindo assim pressão populacional de outros grupos caçadores e horticultores.

O plano geral de ação tem como objetivo contemplar as diferentes formas de ocupação humana no vale do rio Jauru. Por tratar-se de cultura material ceramista bastante homogênea um dos equívocos comuns na região é considerar o conjunto cerâmico como pertencente a um mesmo contingente técnico-manufatureiro. Após cinco anos de análises do material arqueológico está claro de que se trata de *diferentes momentos na História pré-colonial* do extremo oeste brasileiro. Contando com a participação de diferentes grupos. O primeiro fato é comprovado pela diversidade de formas das vasilhas que não interagem entre si em assentamentos diferentes. Em contrapartida ocorre um padrão predominante intra-sítio, isto é, nos sítios arqueológicos onde predominam assadores platiformes,

provavelmente, durante a escavação, serão encontrados mais fragmentos de pratos rasos e bordas verticais mais espessas, normalmente temperadas com cariapé.

Procedendo a uma análise dos fragmentos cerâmicos, foi possível compreender que teriam existido respostas adaptativas relativamente simples para diferentes paisagens. É o caso da variação nas formas e deposição das lâminas de machado ou, por outro lado, a distribuição heterogênea de sítios relativamente preservados. A disparidade de elementos micro-espaciais e com fatores de deposição conhecidos, apontam para uma ocupação consolidada e regular ao longo das margens do rio, mesmo que periódica.

Sítios relativamente pequenos (20 x 15 m) de vasilhas com alças pequeninas e globulares não se associam a assentamentos densos (60 x 40 m ou mais) de grandes pratos assadores. Essa diferenciação poderia estar relacionada a acampamentos de grupos caçadores chaquenhos *versus* grandes aldeias circulares associados à tradição Uru. Existem ainda, mesmo que em menor parte, aqueles acampamentos isolados, de origem histórica. Foram associados a grupos sertanistas, oriundos do Pátio do Colégio, paulistas, mamelucos, interessados no apresamento de drogas do sertão e indígenas.

Para explicar estes processos a Tese será dividida em capítulos curtos, mas na quantidade que for necessária para explicar o fenômeno. Encontra-se aí a necessidade de explicar os conceitos elaborados através do estudo de campo, que levaram oito anos para serem concluídos, visto que ainda alguns dados estavam cobertos de preconceitos, dos quais eram inúteis na pesquisa que foi desenvolvida em campo.

ONDE? - PROCURANDO ENTENDER A PAISAGEM

O capítulo “Onde?” refere-se à análise espacial. A perspectiva regional fornece indícios que auxiliam na interpretação do povoamento do rio Jauru. É descrito, neste momento, o ambiente que os diferentes sistemas socioculturais estavam inseridos. Mas não apenas isso. Questionar “Onde?” conduzirá a uma visão panorâmica de como os grupos estavam implantados na paisagem e desse modo como teriam vivido. Um relato detalhado, fundamentado na evidência, das estruturas de relação entre ser humano e natureza.

É provável que este capítulo revele dados específicos à realidade de cada contexto social. Em especial com relação aos diferentes lugares por eles ocupados. Profundamente

coerentes com as suas necessidades, visíveis nos indícios encontrados durante as atividades de campo. As informações extraídas dos sepultamentos serão descritas e analisadas dentro do sistema de inserção cultural, para contribuir mesmo que minimamente para o entendimento dos ritos mortuários e práticas funerárias. O objetivo é ilustrar a profunda relação dos povoadores com o local que habitavam.

O objetivo é apresentar o rio Jauru como paisagem cultural. Espaço de sucessão cultural. É possível visualizar o rio como lugar de interação cultural dos grupos que dependeram de seus recursos. O rio Jauru é designado como paisagem cambiante, dinâmica. Sua relação com as culturas que o habitaram é viva, presente até os dias atuais. Nas praias do rio, onde hoje são os bebedouros do gado, próximos às suas corredeiras, estão instalados os maiores assentamentos. As cicatrizes indeléveis do povoamento estão preservadas apesar de quase um século de exploração da agropecuária. Os indicativos culturais são tão visíveis quanto os sítios que emergem nas margens semi-serranas que margeiam o pantanal e o chaco.

Subtítulos:

- 1) As paisagens da Bacia Platina Setentrional
- 2) Os diferentes conceitos de paisagens entre as populações
- 3) Os três “onde”
- 4) Paisagens como vetor de compreensão sócio-cultural
- 5) A adaptação dos grupos humanos ao ambiente: energia e cultura
- 6) Os grupos pré-históricos e as diferentes ecologias
- 7) Notícias do mundo pretérito: conclusão

COMO? – METODOLOGIA E HISTÓRICO DAS PESQUISAS

Tão importante quanto à trajetória dos conceitos empregados é “como foi feita essa trajetória” de pesquisa arqueológica. A intenção desta parte é ilustrar os caminhos e descaminhos que levaram aos resultados finais. Justificar, através dela, a tarefa de análise e interpretação do material arqueológico, seja em campo, laboratório ou gabinete. E, assim,

entender que apesar dos diferentes desafios enfrentados a preocupação com a metodologia foi fundamental para alcançar os resultados que agora são expostos.

A história da pesquisa arqueológica na área é descrita como parte integrante das interpretações. Sem as pesquisas da professora Livre Docente e arqueóloga Dra. Erika Marion Robrahn-González não seria possível finalizar as atividades de pesquisa arqueológica no médio rio Jauru; na verdade sem o seu empenho não teriam nem começado. É através deste esforço, expressando gratidão e reconhecimento, que a equipe de campo busca transformar um denso relatório científico-empresarial em conhecimento divulgado sob a forma de Teses ou artigos científicos.

Certamente não se trata de um método fechado. Ortodoxo. Ou inflexível. O método é compreendido como ferramenta. Instrumental prático e aplicável de conhecimentos acumulados. Para acessar determinadas informações invisíveis aos olhos de outrem. A intenção é trazer para o meio acadêmico os resultados da pesquisa científica resultantes da Arqueologia de Salvamento. Permitindo o proveito dos dados recolhidos em campo para uma livre interpretação e rendimento epistemológicos. Formando, com isso, conhecimento científico de uma área relativamente pouco estudada do ponto de vista acadêmico.

Subtítulos:

- 1) História da pesquisa arqueológica no rio Jauru
- 2) Metodologia da Pesquisa Arqueológica
- 3) Como foi feita? Neoevolucionismo e o Histórico-Culturalismo
- 4) Método *versus* desafios da realidade

O QUÊ? – O CHAQUENHO, TRADIÇÃO URU E OS SERTANISTAS

O termo *Chaco* tem origem na língua quéchua que significa “território de caça”, sendo justamente disso que se tratam os primeiros personagens a adentrar o cenário. Estes caçadores originários do leste boliviano se organizavam em bandos. Dispunham de poucas famílias associadas a hordas reconhecidas pela hereditariedade. Acessavam áreas remotas devido a sua reconhecida mobilidade. Possuíam em mãos ferramentas simples, mas extremamente eficazes em ambientes áridos e hostis. Tem origem no piemonte andino e são os principais grupos periféricos das altas culturas. Adaptados à caça de pequenos animais e

a coleta específica de frutos da mata, estes grupos permaneceram estacionários num sistema social altamente complexo com meios de subsistência relativamente simples.

Entre mudança e continuidade ou origens e desenvolvimento o conceito de tradição Uru se desenvolveu como conceito consolidado (WÜST, 1990; ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996). Ausente nos primeiros relatórios do PRONAPA, o termo ganhou nítido significado nas pesquisas do Brasil Central realizadas por Schmitz *et alli* (1982). Deste período são as primeiras publicações que formaram o conceito de tradição Uru. As pesquisas de salvamento arqueológico ou Arqueologia de Contrato, com projetos desenvolvidos no Centro-Oeste (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 2001) propiciaram um amplo avanço nos estudos de cultura material específica associada à tradição Uru. Então, num primeiro momento o conceito é montado com elementos terminológicos e conceituais, usados nesta Tese; passando para uma segunda realidade, a do debate científico sobre o que representa.

Entendendo a dinâmica conceitual foi possível visualizar a cultura material, num primeiro momento, frequentemente associada a grupos Macro-Jê, no extremo oeste do Estado do Mato Grosso. Serão discutidas, mais adiante, a realidade dos sítios arqueológicos e suas premissas para a região. Com isso construindo um vasto registro conceitual da tradição Uru para a área estudada associada também a grupos circundantes. As informações deste capítulo justificam a ampliação do conceito. Pois serão acopladas a ele, mais tarde, diferentes fases arqueológicas que não necessariamente representam os grupos Macro-Jê do centro-oeste brasileiro.

Subtítulos:

- 1) Objeto de estudo e observação
- 2) O caçador Chaquenho
- 3) Os povoadores limítrofes: pantaneiro, amazônico e o caboclo
- 4) A cerâmica Uru no extremo oeste do Mato Grosso
- 5) A tradição Uru e o Macro-Jê
- 6) O sertanista e os povos do rio Jauru
- 7) Interação serial e primeiros elementos diagnósticos

QUEM? – A IDENTIDADE DOS SUJEITOS

Como a cultura do cerrado encontrou-se com as do chaco? Para interpretar os processos históricos e culturais no vale do rio Jauru responder a pergunta “Quem?” é imprescindível. Dentre todas, talvez seja a mais complexa. É onde se dá o entendimento da cultura local, etnia e identidade. Culturas que se encontram e se sucederam. O espaço que se reconhece como o “eu/nosso” e o “externo/longínquo”. Aqui se rotula, se maquia e, de certa forma, se pratica a nomeação. Trata-se de uma pergunta aberta. Para respondê-la será preciso consultar o acúmulo dos anos de conhecimento científico. O que já se tem para o Brasil Central. Desde as pesquisas de Pedro Ignácio Schmitz (1982) até as últimas referências aos povoadores do cerrado (SALES BARBOSA, 1990; MORALES, 2008).

Começa aqui a etapa de questionamento. Aquelas perguntas complexas a ponto de serem esquecidas. Retornam a pauta. Atender às demandas explicativas e encerrar o assunto, impensável. Deseja-se encontrar o plano das coisas comuns. Do cotidiano. Do vivido que agora é rememorado através da cultura material. Conceitos, quase que fantasmagóricos que rondam os termos. Como se fosse impossível uma reconciliação, os conceitos se embaralham, evita-se assim uma fria e inócua descrição como feita anteriormente (MORALES, 2008). A tradição Uru, ausente no relatório do PRONAPA, nasce de pesquisa pioneira. Termo elaborado na experiência de campo (SCHMITZ *et ali*, 1982) e de lá até os dias de hoje finamente estudado e consolidado (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996; WÜST, 1990; SALES BARBOSA, 1990).

O conceito de tradição Uru, por estar ausente nos relatórios do PRONAPA, demorou a ser amplamente usado. Atualmente é um conceito reconhecido nacionalmente. O objetivo deste capítulo é pensar o conceito de tradição Uru no extremo oeste brasileiro, sua interação com grupos Chaquenhos e as suas diversas influências andinas. Adaptando e gerando ideias sobre o comportamento dos grupos horticultores da tradição Uru; e sua provável interação com grupos chaquenhos numa perspectiva regional. A sequência seriada ou seriação é o método que será utilizado para confirmar ou não essa relação.

Subtítulos:

- 1) Os sítios arqueológicos do rio Jauru

- 2) Aspectos da cultura material
- 3) Considerações sobre a tradição Descalvado
- 4) Os chaquenhos
- 5) Os Macro-Jê
- 6) Os Sertanistas
- 7) Os sepultamentos
- 8) Três culturas: tempo e espaço

QUANDO? – CRONOLOGIAS RELATIVAS E ABSOLUTAS

Levando em consideração as principais perguntas recorrentes a este assunto, continua o quinto capítulo com o tema “Quando?”. A primeira vista parece se tratar de cronologia, mas não só. O fato de pensar “Quando?” refere-se à temporalidade. Um tempo presente; olhar de hoje para o passado. Olhar questionador do artefato à cosmologia cronológica vista através de filtros de percepção do pesquisador. Raras são as datas de carbono, quando existem são inseguras, por vezes contaminadas pelas queimadas do *cerrado*.

Neste capítulo serão descritos sítios arqueológicos. Especificando suas estruturas estratigráficas e o material arqueológico. Fotos e desenhos tornam-se explicativos e ilustrativos. A ideia é agrupar evidências que expliquem se é uma ocupação homogênea ou heterogênea; sincrônica ou diacrônica. Visto que a tradição Uru não poderia estar presente na área antes do século XI, pois é de configuração mais recente. Desconfia-se que os grupos que ocuparam a área antes da tradição Uru, do século VIII até o primeiro milênio depois de Cristo, tenham sido caçadores nômades chaquenhos.

Estes caçadores nômades portavam pequenas vasilhas globulares com alças nas bordas com gargalhos fechados. Facilitando assim o transporte da água, visto que apresentavam grande mobilidade no Chaco. Região que possui uma estação seca durante um longo período do ano.

A sequência seriada foi o principal recurso metodológico utilizado. Os tipos cerâmicos foram seriados pela forma das vasilhas. O relativo baixo percentual decorativo e o antiplástico homogêneo impediram a confecção da seriação de outra forma. A análise

estratigráfica associada à seriação permite o vislumbre da mudança das sociedades filiadas à tradição Uru. O plano é definir quais as estratégias de abastecimento mudaram e *porque* mudaram. E se a elas estavam associados os grupos caçadores chaquenhos. Verificando assim se o seu afastamento da área teria sido pela pressão populacional exercida pelos grupos da tradição Uru, ou se pela escassez de alimento devido a mudança do clima e consequentemente da paisagem.

Neste sentido observa-se um primeiro momento em que as vasilhas pequenas e globulares, às vezes com alças no gargalo, representam significativa influência chaquenha. Os sítios deste período ou desta *fase* inicial representam um momento em que a tradição Uru estava ausente, de forma efetiva, dando espaço a elementos andinos na cultura material daquele espaço. Os sítios desta fase apresentam bolsões de restos de alimentação no pacote arqueológico, claramente associados à caça. Fenômeno ausente nos sítios diretamente associados aos horticultores da tradição Uru. A relação cultural está representada, além das vasilhas cerâmicas, nos sepultamentos, lâminas de machado e tipo de assentamento. Esse período foi denominado temporariamente de *Chaquenho*.

A fase de transição da sequência cultural é representada por vasilhas de formas variadas e características. São grandes panelas, com abertura de boca superior a 36,0 cm e com bases arredondadas. Ainda estão presentes as bordas dobradas, mas em menor número de ocorrência. Aparecem neste período discos de cerâmica com diâmetros entre 8,5 e 16,0 cm e espessuras que não superam os 2,0 cm. Deste período é característica a pouca, mas significativa, decoração plástica do beliscado ou serrungulada vindo a substituir a decoração de triângulos incisa-pintada da primeira *fase*. Esse período foi reconhecido temporariamente como de *transição ou ruptura*.

A terceira fase é caracterizada pela predominância de vasilhas platiformes, não decoradas e sem alças. Vasilhas semi-globulares com base plana e bordas de suave inflexão, verticais e diretas. É identificada neste período a significativa influência Macro-Jê. O tratamento e o uso da mandioca brava transformam em demarcador cultural e temporal os tipos e uso dos vasilhames, assim como as características dos assentamentos. A tradição Uru chega, neste momento, a apresentar as suas características clássicas tal como

descritas por Schmitz *et alli* (1982). Esse período fica identificado no gráfico da sequência seriada como *tradição Uru, fase Jauru*.

E, por último, uma quarta fase arqueológica que foi entendida com a influência dos grupos coloniais vindos do leste. Neste período a cerâmica passa de formas e técnicas de confecção bem acabadas para uma precariedade visível de confecção. Junto aos assentamentos que apresentam fragmentos cerâmicos com estas características são encontrados os raros fragmentos que representam outras tradições culturais como a tradição Tupiguarani e Una “B”. O apresamento e captura de indígenas pode não ter deixado elementos materiais ou tangíveis nos sítios arqueológicos desta fase, mas deixou marcas visíveis na permanência dos assentamentos, acabamento na confecção das vasilhas e na velocidade de abandono da paisagem. Esse período ficou reconhecido provisoriamente como *Sertanistas rio acima*.

Foram observadas quatro fases arqueológicas com o objetivo de compreender a cronologia relativa da região. Para amarrar a *seriação* utilizamos datas confiáveis absolutas obtidas pelo Prof. Dr. Gilson Martins *et alli* (1999). As datas são do contexto do rio Jauru, na transposição do gasoduto Bolívia-Brasil. No começo do século VIII da Era Cristã chegam tardiamente à região, grupos portadores de cultura material chaquenha. Portadores de lâminas de machado e vasilhas características da movimentação dos grupos de caçadores nômades chaquenhos em direção leste, margeando os Andes e ocupando o chaco boliviano e as bordas setentrionais do pantanal brasileiro. Por volta dos séculos XI e XII d.C. essa presença chaquenha enfraquece e surge um período de transição ocupado por grupos que passam a se adaptar às condições do cerrado, ou provenientes deste, provavelmente na exploração da mandioca brava e na adaptação aos fatores condicionantes de sobrevivência que o rio oferecia. Do século XII ao século XVII predomina a fase de maior duração, contando com cinco séculos de permanência efetiva dos grupos de origem Macro-Jê. Esse momento supera a permanência de interação chaquenha que teria durado aproximadamente quatro séculos.

O último momento na cronologia do povoamento é a chegada dos sertanistas que ocorreu no século XVIII. A ocupação passa a ser escassa sendo encaminhada para o total

abandono da região pelos grupos indígenas. Restando apenas as evidências culturais de um momento dispersivo.

Subtítulos:

- 1) Sieriação e Filiação Cultural
- 2) Fase Chaquenha: caçadores nômades do Chaco boliviano
- 3) Transição: desenvolvimento da horticultura no rio Jauru
- 4) Consolidação Macro-Jê: emergência, apogeu e estabilidade
- 5) Sertanistas rio acima: colapso e abandono da área
- 6) Notícias do mundo pretérito
- 7) O povoamento pré-histórico da área

As atividades de pesquisa científica contaram com a averiguação dos resultados da análise do material cerâmico. Além deste dado foi possível recuperar a análise do registro das atividades de escavação arqueológica em cada sítio arqueológico da área piloto. Com os dados em mãos será possível proceder a uma descrição acurada dos assentamentos arqueológicos, atualmente inundados pela PCH Figueirópolis, no Estado do Mato Grosso. A recuperação destas informações associadas ao estudo etnográfico de grupos Macro-Jê resultará no escopo central da Tese. Observa-se, no momento da solicitação deste relatório, o objetivo geral e a função socioambiental dos resultados primários do estudo. A associação direta ou indireta dos grupos Macro-Jê teria implicações profundas, que fugiriam ao tema central do estudo.

É mister, portanto, que se faça presente esta idealização dos dados já disponíveis. Para isso, através do sistema de orientação oferecido pelo PPG História, passa-se a uma fase de estudos e leituras para que se defina o panorama teórico geral, uma vez que os dados já estão consolidados, fruto de análises empíricas. Apesar de ter sido mantida a estrutura dos capítulos apresentados anteriormente, fazem-se necessárias algumas elucidações a respeito das ideias desenvolvidas. Segue a listagem das propostas ainda em processo de aceitação e análise:

Torna-se inviável o estudo sem o reconhecimento das identidades culturais que povoaram a região, desde os tempos primórdios aos atuais. Seria o entendimento dos

processos de formação do registro arqueológico englobando o conjunto cultural, seja ele Andino, Chaquenho, Macro-Jê, Colonial. Concebe-se a análise do pacote arqueológico como o resultado dos saberes coletivos de populações já extintas, em conjunto e não isoladamente, mesmo que anacrônicas. É compreender que o resultado da interação socioambiental e da energia desprendida originou, necessariamente, registros complexos que representam etnias culturalmente diferentes, mesmo em se tratando de parcialidades clânicas;

Os estudos sobre energia dispõem de informações sólidas, mesmo que sem evidência física e material registrada (FOLEY, 1977). Seriam de grande auxílio no exame detalhado na ocupação da área, visto que a concentração de alimentos e recursos se dá junto ao rio Jauru e seus afluentes. No decorrer do andamento das leituras tanto do material arqueológico, quanto da análise da espacialidade de que se dispunha, ficou evidente que os grupos teriam sido atraídos por um campo energético vital, o qual lhes abastecia durante as diferentes estações do ano;

Apesar de parecer lógico, essa atração se deu de forma gradativa e moderada. Pelos Chaquenhos, os primeiros a chegar, em busca de água; pelos Macro-Jê, os sucessores, em busca de terras férteis para seus mandiocais; e para os grupos caboclos como via de acesso a novos horizontes mineradores. O rio seria uma artéria pulsante de vida cultural. Desde cedo sua própria conformação em acidente geográfico se torna limite entre terras, obstáculo natural e limitador cultural. Os processos socioculturais, que resultaram no registro arqueológico, estão diretamente associados à ocupação dos espaços que é naturalmente favorecido de energia vital, animal e vegetal. O avanço ousado a que se propõe o estudo é justamente verificar os conflitos que ocorreram por esse acúmulo e, por fim, a predominância de uma cultura específica: a horticultura Macro-Jê.

Teriam os espaços sagrados dos canibalismos fúnebres Macro-Jê se tornado uma âncora cultural, evitando o abandono do espaço? Seriam eles resistentes ao avanço colonial, até o seu extermínio, devido aos seus territórios sacralizados e espiritualizados? Compreendendo o rio Jauru como cosmogonia imaterial da religião primitiva Macro-Jê? Caso a resposta seja sim, quais os reflexos materiais na evidência arqueológica que apontam para essa suposta espiritualidade. Adentrando o universo semântico acessa-se esta

imaterialidade. Presente na baixa porcentagem de fragmentos pintados e incisos, contudo, símbolos que representam a porção imaterial das culturas em estudo.

O resultado das análises que descrevem a técnica utilizada na confecção da cultura material é satisfatório, porém não suficiente para a compreensão do processo de formação do registro arqueológico regional. Essa realidade conduz por sendas semióticas, sendo útil durante o processo investigativo. O rigor metodológico está na observação holística. Entendendo o registro arqueológico como parte fundamental do organismo sociocultural, hoje extinto. Daí a ausência de um modelo determinista, mas a conformidade com este organismo sociocultural pulsante, enérgico; disperso entre as gerações e assimilado pela sociedade nacional. Através da visão sistêmica desse extinto organismo sociocultural, poder-se-á recorrer a uma descrição profunda dos hábitos e costumes, bem como sua História nativa e natural.

Ainda assim o acesso é parcial. Limitado. A continuidade da evolução cultural no rio Jauru está intimamente relacionada ao uso do espaço. Pois é território definido, restrito, compartilhado. Encerra-se ali um acúmulo de energia. Presença constante, habitual, das visitas às suas margens. Concebe-se por si só como espaço sagrado, disputado, usufruído e desejado. As evidências das sociedades que o ocuparam são indubitáveis com relação à importância da margem do rio. Dado pela densidade dos sítios junto à margem, ou mesmo pelas constantes reocupações.

É indispensável ao estudo a análise comparativa. Além do material arqueológico, resguardando a sua evidente importância, a fluidez das sociedades na região. Associá-las ou não ao registro arqueológico é necessariamente negligenciar a importância deste rio nos sistemas sociais do oeste do Mato Grosso. O rio, a terra fértil, as pessoas e o espaço, produzem necessariamente um campo de energia, atraindo quase sempre outras culturas atrás de caça, água, conforto e abrigo. As culturas não necessariamente interagiram entre si, compartilharam, sim, um espaço anteriormente utilizado, composto de símbolos e resquícios de antigas moradas. Nota-se, contudo, um fenômeno único. A baixa ocorrência do contato e a interação entre as culturas. São raríssimas as evidências de outros sistemas socioculturais ocupando o mesmo espaço.

Entretanto a necessidade de criação de um modelo teórico, originado de um escopo prático, é preenchida por conceitos de área afins. Dessa maneira é indispensável o uso da multidisciplinaridade na análise da ocupação arqueológica do rio Jauru. Os trinta e quatro sítios descritos, em sua forma e função, nada mais fornecem do que informações materiais funcionais. Segue, então, por uma metodologia estrutural que verifique o *todo*; inserindo aportes cosmológicos de grupos Bororos atuais, mesmo que não os vinculando diretamente ao registro arqueológico, tem-se um paradoxo espacial. Sua ocupação histórica da região é reconhecida e identificada criteriosamente. Frutos de séculos de pressão populacional, os Bororos pertencem ao núcleo convencional de estudos. Significa estar impossibilitando qualquer menção de uma ocupação pré-colonial sem o reconhecimento da presença gradativa dos símbolos socioculturais na cultura material.

Durante as atividades de quantificação dos dados, relacionadas à sequência serial, verifica-se uma estabilidade nas formas das vasilhas. Os pratos assadores de mandioca e para o seu tratamento e cocção farinheira dominam gradativamente o centro dos gráficos. Ocorrendo uma estabilidade superior à observada na fase anterior, onde predominavam vasilhas globulares de pequena capacidade volumétrica. Apesar da sequência serial não determinar traços da cultura, ficou evidente a continuidade destes elementos singulares por um determinado período. Ou seja, identifica-se com clareza um domínio cultural mais amplo que os anteriores e os sucessores.

ALGUNS RESULTADOS PRELIMINARES

Interpretação do sentido: espaço e energia como vetores arqueológicos

Os dados de que se dispõe na região do oeste do Mato Grosso conduzem a resultados já alcançados por outros cientistas (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996; WÜST, 1983). Indicando a consolidação de um grupo étnico na exploração energética da região. Ambas as Teses são convergentes na permanência de um grupo específico na exploração do espaço e dos recursos que o oferecem, entre eles caça abundante, água, terra boa para o cultivo, espaços de socialização. Aspectos associados diretamente à alta concentração de energia que o espaço oferece em cadeia cumulativa, por exemplo: água atrai a caça; a caça é mobilização; uso do espaço é plantar; colher é socializar.

Ao estudar as pesquisas sobre os grupos do Brasil central ficou evidente que grupos Macro-Jê tendem a dominar e permanecer num determinado território. Mesmo que migrando, mantêm-se num espaço restrito, conhecido e visitado periodicamente. Daí o reflexo da interação da comunidade com o meio ambiente. É a interação da ecologia com a cultura, independente de qual for, que gera a perspectiva de *domus*. Esta estabilidade do meio, porém, só pode ser observada através de diferentes testes analíticos que permaneceram inócuos até a inserção do conceito de energia de Foley para estudos arqueológicos. Vendo que preenchia uma lacuna relevante, mesmo para os atuais Bororos, a energia cognitiva, o comportamento e a disposição da cultura no habitat e na *ecologia* em que vivem, altera relativamente o sentido da ocupação ribeirinha. A interação ecológica é quase que religiosa. Cósmica. Vibracional. Mesmo os sistemas clânicos, analisados apuradamente, revelam sentidos religiosos, místicos.

Como associar então, isso, com o registro arqueológico das margens do rio Jauru? Seria possível entender a ocupação pré-colonial, sem uma relação entre ecologia e cultura num sentido mítico-religioso? Torna-se fundamental a *descrição densa* dos vestígios arqueológicos. Por *descrição densa* declara-se abertamente o uso do paradigma teórico-metodológico criado por Sahlins (1966). O objetivo da análise arqueológica dos espaços que margeiam o rio Jauru é transcendental; os resultados, portanto, também o serão. As formas de compreensão do uso do território nada têm a ver com padrões de mobilidade. Apesar de este modelo apresentar certa “dinâmica” interpretativa segue, por mais das vezes, um esquema evolutivo. O conceito clânico de formação sociocultural possui base cíclica. Evita-se assim cair na cilada de modelos incompatíveis.

Os dados brutos e sinergia: processo de formação e registro arqueológico

Através do estudo do tema apresentado, observaram-se variantes discursivas comuns. As mais recorrentes são continuidade, mudança, origens e desenvolvimento. Os discursos científicos envolvem na maioria das vezes algum senso de *evolução*. Os resultados da análise para o rio Jauru mantêm esse mesmo senso, mas apenas para a ecologia regional. Os dados apontam para sistemas que revelam ocupações cíclicas e focais,

cada qual inserido num determinado nicho sociocultural: Chaquenhos, Macro-Jê e Sertanistas.

Em seguida, não cabe no momento, ao menos antes da Qualificação, apontar vetores conclusivos. É notório, portanto, que foram identificados assentamentos paralelos, concomitantes, da mesma cultura arqueológica, de poucas evidências sobre transformação e câmbio cultural. Pois parecem mesmo estarem associadas à estabilidade cultural. Resultado de uma interação harmônica com a *ecologia* ou, em verdade, fazendo parte integral dela. Existem evidências emblemáticas no processo de ocupação pré-colonial. Entre elas a ampla variedade numérica de assentamentos estáveis, de cerâmica com pouca ou nenhuma expressão decorativa. Estando associada quase sempre à função que exerceram quando em atividade. É fato que a harmonia dos grupos Macro-Jê teria, de certa forma, resultado na inexpressiva amostra de elementos decorativos e simbólicos.

Com isso percebem-se variações nas formas das vasilhas e no antiplástico utilizados. Com relação às formas ficou evidente que as formas globulares e de pequena capacidade volumétrica pertencem a períodos relativamente anteriores aos largos e amplos pratos rasos para assar a farinha de mandioca. A variação ocorre também no antiplástico, sendo ele de variante granulométrica grossa nos primeiros momentos da ocupação, passando à escala de areia fina logo em seguida. Salta aos olhos, a princípio, a evolução de uma mesma cultura horticultora Macro-Jê. Ocorre, então, uma quebra ou cisão nas formas de produção e nas técnicas de confecção da olaria. Evidenciando-se inclusive especialização do (a) cerâmica em relação ao sistema sociocultural, podendo-se até associar a um gênero específico (mulher) como divisão social do trabalho. Antes específica de um artesão, depois generalizado por uma classe social.

O primeiro horizonte cultural não faria parte do segundo. Assim como o período Macro-Jê não estaria associado, ao menos culturalmente, ao avanço sertanista do século XVIII. Os indícios mostram que culturas exerceram pressões nos domínios ecológicos do rio Jauru. Sucedendo-se temporalmente, mesmo que de forma cíclica, num espaço nitidamente carregado de energia protéica, vital e aquífera. A abundância de recursos, os grandes assentamentos junto às corredeiras, os pacotes arqueológicos estáveis, apontam para essa deriva socioambiental de *permanência*. Os condicionantes de dominância estão

justamente associados a essa permanência e controle territorial, resultando numa cultura material funcional. Dessa forma através da leitura dos dados brutos compreendem-se os tipos de sistemas sinérgicos envolvidos no registro arqueológico.

As conclusões serão compostas de quatro partes fundamentais. 1° Os grupos caçadores nômades chaquenhos e a ocupação antiga da borda setentrional do pantanal; 2° A caracterização da tradição Uru no extremo oeste brasileiro; 3° Os aspectos funcionais do assentamento, do abastecimento e das diferentes formas de interação entre si e com as demais culturas; 4° A história do povoamento pré-colonial do oeste brasileiro na sua sequência cronológica relativa na ordem: grupos Chaquenhos, Macro-Jê e Sertanistas para o arrolamento da dinâmica de ocupação: emergência e colapso. As principais referências, conceituais e metodológicas, encontram-se arroladas abaixo. Apesar de representarem as demais, estas apontam as escolhas teórico-metodológicas da pesquisa.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Altair Sales. **Povoadores dos Cerrados**. 1990. 2 v. Tese (Doutorado) – National Museum of Natural History da Smithsonian Institution de Washington D.C., Washington. 1990.
- BURILLO MOZOTA, Francisco. Arqueología del paisaje. In: **5° Coloquio Internacional de Arqueología Espacial**. Teruel, 1998.
- FOLEY, Robert. Space and energy: a method for analyzing habitat value and utilization in relation to archaeological sites. In: CLARK, David. **Spatial Archaeology**. London: Academic Press Inc., 1977. pp. 163-186.
- HARRIS, Marvin. **El desarrollo de la teoría antropológica. Historia de las teorías de la cultura**. Madri: Siglo XXI de España editores, 1998.
- MARTINS, G. R.; KASHIMOTO, E. M. Projeto Salvamento Arqueológico na área impactada pelo Gasoduto Bolívia - Mato Grosso: trecho brasileiro. In: **X Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira**, Recife, 1999.
- MORALES, Walter Fagundes. **Brasil Central**. 12.000 anos de ocupação humana no médio curso do rio Tocantins, TO. São Paulo: Annablume; Porto Seguro, BA: ACERVO – Centro de Referência em Patrimônio e Pesquisa, 2008.

OREJAS, Almudena. El estudio Del Paisaje: visiones desde la arqueología. In: BURILLO MOZOTA, Francisco. Arqueología del paisaje. In: **5° Coloquio Internacional de Arqueología Espacial**. Teruel, 1998.

PESTANA, Marlon Borges. **A tradição Uru no médio rio Jauru, município de Indavaí, MT, Brasil**. (Apresentação da Tese de Doutorado - Orientação Pedro Ignácio Schmitz e Jairo Henrique Rogge). São Leopoldo: UNISINOS, 2012.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. **Os grupos ceramistas pré-coloniais do Brasil Central: origens e desenvolvimento**. 232 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1996.

SAHLINS, Marshall D. A cultura e o meio ambiente: o estudo de Ecologia Cultural. In: **Panorama da Antropologia**. São Paulo: Fundo de Cultura. 1966. pp. 100-110.

SCHMITZ, P. I.; WÜST, I.; COPÉ, S. M. & THIES, U. M. E. Arqueologia do centro-sul de Goiás. Uma fronteira de horticultores indígenas no centro do Brasil. **Pesquisas (Antropologia)**, São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas, n. 33, 1982.

TRIGGER, Bruce. **A History of Archaeological Thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

WÜST, I. **Continuidade e Mudança - para uma interpretação dos Grupos Cerâmistas Pré-Coloniais da Bacia do Rio Vermelho, Mato Grosso do Sul**. 1990. 2v. Tese (Doutorado) – Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - Goiânia, 1990.